

A Noemática Bíblica em Sebastião Barradas (1543-1615) *

Para conhecer uma exegese, para analisar e classificar os meios e o método de que se fez uso, considero necessário que é imprescindível conhecer antes qual a concepção sobre os sentidos bíblicos. Daqui parte a interpretação, pois que, se é necessário conhecer o pensamento expresso, é fundamental conhecer antes a qualidade do

* Sebastião Barradas, com a sua obra exegetica, situa-se no *século de ouro da exegese católica moderna*, como é justamente chamado o primeiro século da exegese após o Concílio de Trento.

Nasceu em Lisboa em 1543 e faleceu em Coimbra em 1615. Estudou nas escolas dirigidas pela Companhia de Jesus, em Lisboa, Coimbra e Évora. Nunca saiu das fronteiras de Portugal, mas foi um homem europeu e aberto aos novos continentes, tendo vivido as grandes linhas de força actuaes no seu tempo: o humanismo, a neo-escolástica, a teologia positiva, a renovação de rosto erasmiano, a reforma protestante, o Concílio de Trento e a expansão missionária estendida à dimensão dos descobrimentos portugueses.

A sua obra exegetica está marcada por este contexto geral e pelo contexto mais limitado que a Companhia de Jesus imprimiu à Universidade de Évora, ao Colégio de Jesus e ao Colégio das Artes de Coimbra. Particularmente depende da metodologia científica da Companhia de Jesus, que teve a sua expressão mais estruturada na *Ratio Studiorum*, na qual tem um lugar significativo a doutrina sobre os sentidos bíblicos.

Escreveu duas obras de comentário ao Novo e Antigo Testamento: *Commentaria in concordiam et historiam evangelicam* (tomo 1, Coimbra, 1599; tomo 2, Lisboa, 1605; tomo 3, Lião, 1608; tomo 4, Lião, 1612) e *Itinerarium filiorum Israel ex Aegypto in terram repromissionis* (postumamente publicado em Lião, 1620).

O valor de *Commentaria* é sugerido imediatamente pela grande quantidade de edições, que se sucederam desde 1599 até 1742, data da última edição conhecida. Ao longo de 143 anos, podemos contar 107 edições dos quatro tomos separadamente: 31 do 1.º tomo, 28 do 2.º tomo, 25 do 3.º tomo e 23 do 4.º tomo.

Esta prodigiosa expansão foi devida, sem dúvida, também ao plano de acção pastoral traçado pelo Superior Geral Cláudio Aquaviva, dentro da implantação da Companhia de Jesus, na Europa, no período pós-tridentino.

Os *Commentaria* aos Evangelhos foram utilizados sobretudo pelos pregadores, no contexto da Contra-Reforma. Foram usados não só na Europa, mas também nos novos mundos onde chegaram os missionários jesuítas. Há mesmo conhecimento duma tradução, sem dúvida parcial, em língua chinesa, como refere J. B. DU HALDE em *Description Géographique, Historique, Chronologique, Politique et Physique de l'Empire de la Chine et de la Tartarie Chinoise* (t. 3, Haia, 1936, p. 94).

O estudo da obra exegetica de Sebastião Barradas insere-se no esforço por dar a justa dimensão dos exegetas portugueses do *século de ouro da história da exegese moderna* (1563-1663), onde não só deve ser destacada a quantidade da produção, mas sobretudo a qualidade da sua exegese.

A óptica noemática deste autor, como dos outros, é o meio imprescindível, para determinar o seu método e apreciar rectamente a qualidade da sua exegese.

pensamento e o modo como o texto escrito transmite o pensamento.

Sentido bíblico é o pensamento do autor expresso através da palavra escrita e é também o modo como o texto comunica o pensamento. Ora o conteúdo das ideias pode situar-se ao nível da inteligência humana ou ao nível do mistério divino. Por outro lado, a palavra escrita pode transmitir o conteúdo das ideias de modos diferentes: imediatamente através de si mesma ou então mediatamente através do objecto real que descreve.

Estas diferentes possibilidades relacionadas com o pensamento e com a palavra escrita que o exprime são os diferentes sentidos¹. Os exegetas têm-nos presentes, na acção interpretativa. Também o historiador da exegese deverá conhecer esta etapa básica de toda a exegese, por mais complicada que ela se possa apresentar. Deverá investigar que sentidos os exegetas procuraram nos textos bíblicos, como se situaram perante os sentidos e como os consideraram sistematicamente, isto é, na sua mútua relação. Com efeito, até ao séc. XIII, impunham-se aos exegetas diferentes sistematizações dos sentidos bíblicos, que exerceram influência mesmo na exegese dos séculos posteriores².

Proponho-me, pois, analisar e determinar, neste estudo, a posição de Sebastião Barradas perante a sistematização dos sentidos da Bíblia.

Começaremos por inventariar os nomes dos sentidos bíblicos, e perguntar até que ponto eles se entroncam na tradição judaica e cristã.

Em seguida, analisaremos as diferentes fórmulas dos sentidos bíblicos: quaternária, ternária e binária. Por fim, tentaremos, mais especificamente, determinar qual a fórmula de sentidos que, em princípio, presidiu à obra exegética de Sebastião Barradas, isto é, que está na base da sua teoria noemática.

¹ Cf. L. MONLOUBOU-F. M. DU BUIT, *Dictionnaire Biblique Universel*, Paris, 1984, p. 692: «Le problème du ou des sens de la Bible vient d'un fait qui est affirmé par toute la tradition judéo-chrétienne. À travers les événements que narrent les auteurs, à travers les actes et les paroles d'hommes qu'ils rapportent, à travers les mots humains dont ils font leurs narrations, leurs discours et leurs récits, Dieu révèle un mystère: son oeuvre, son dessein, sa personne même. Dès lors l'objet des textes bibliques, comme ces textes eux-mêmes, sont l'expression à la fois d'une réalité humaine et d'un mystère divin».

² G. BENEDETTI, *La Bibbia nella Teologia Patristica e Medievale*, in C. M. MARTINI e L. PACOMIO (dir.), *I Libri di Dio. Introduzione Generale alla Sacra Scrittura*, Turim, 1975, p. 94.

I. Os nomes dos sentidos bíblicos

Primeiramente traçaremos, como plataforma, o elenco dos nomes dos sentidos bíblicos; em segundo lugar, confrontaremos esses nomes com a nomenclatura própria da tradição judaica e cristã.

1. O inventário dos nomes

Em primeira abordagem, façamos o reconhecimento do terreno, através do inventário dos termos usados para exprimir esta realidade primeira e fundamental do sentido da Escritura. Os nomes, na sua diversidade e multiplicidade, dão, imediatamente de início, uma pista indicativa da percepção do nosso autor nesta matéria e da sua posição face à história da doutrina dos sentidos bíblicos. De seguida, virá a determinação mais precisa da teoria dos sentidos e da opção teórica feita pelo nosso autor para a sua prática da interpretação.

Antes da lista dos diferentes nomes, é de notar imediatamente que o autor considera vários sentidos bíblicos ou, pelo menos, mais que um sentido. No prefácio, contudo, parece declarar a existência de um só sentido, pois que afirma ir atender, antes de tudo, ao sentido literal e evita chamar sentido bíblico às deduções ou aplicações morais falando unicamente em «*moralia*»:

«Litteralem in primis sensum perscrutabor, parerga aliqua adiungam, ad mores componendos *moralia* addam»³.

Mas, logo na primeira página de texto, exprime a posição em favor da existência de vários sentidos:

«Faxit Deus, ne sit hic Phaetontis ausus: inclinet, utinam, caelos, quod David optabat, mentem humi repente attolat; spirituque afflatam suo, ad interiora velaminis, id est, ad reconditos germanosque sensus per vestigia Patrum ducat»⁴.

³ SEBASTIÃO BARRADAS, *Commentaria in concordiam et historiam evangelicam*, t. 1, Antuérpia, 1613, p. V.

⁴ *Ibid.*, p. 1.

Existem, pois, nos Evangelhos, sentidos «germani» e sentidos «reconditi». Perante esta afirmação, importa saber quais são esses sentidos e quais os seus nomes.

Passo à enumeração dos nomes dos sentidos.

Sentido literal: Chama-se literal porque é expresso pelas palavras do texto, na sua transmissão e na sua recepção⁵.

Sentido histórico: Assim se chama porque narra a história, isto é, os factos do passado, como aconteceram. O autor cita Beda para definir a história:

«Historia est, cum res aliqua, quomodo secundum litteram facta, sive dicta sit, plano sermone refertur»⁶.

O sentido literal é identificado com o histórico:

«Continet autem Scriptura Sacra... sensum... litteralem sive historicum»⁷.

Sentido somático ou carnal: É um nome com origem nos Terapeutas, segundo Filão⁸ e em dependência directa da antítese paulina: carne-espírito, homem-Espírito⁹ e em ligação com a outra antítese: letra-espírito¹⁰.

Sentido externo: Descreve a superfície da realidade, com a casca do fruto¹¹.

Sentido visível: Visível porque é acessível ao olhar natural do homem¹².

Sentido «humilior»: Dá-se este nome enquanto pertence ao nível da terra (humus) e da história humana¹³.

⁵ *Ibid.*, p. VI; cf. p. 12, 29, 39, 76, 95, 130, 150, 317, 419, 432, 434, 437, 440, 441, 493, 496, 497, 499, 507, 510, 515, 517.

⁶ Cf. *ibid.*, p. 13; BEDA, *De Tabernaculo et Vasis eius*, Lib. 1, cap. 6 (PL. 91, 410).

⁷ *Commentaria*, t. 1, p. 13; cf. p. 12.

⁸ *Ibid.*, p. 12.

⁹ 1 Cor 15,44-48.

¹⁰ 2 Cor 3,6; cf. Rom 2,29;7,6. Cf. *Commentaria*, t. 1, p. 12 e 55.

¹¹ *Commentaria*, t. 1, p. 12; cf. p. 13, 39 e 360.

¹² *Ibid.*, p. 54; cf. p. 149.

¹³ *Ibid.*, p. 70; cf. 179, 184.

Sentido espiritual: É nome que tem relação com a antítese paulina: letra-espírito¹⁴ e com a qualificação de espiritual que S. Paulo atribui a certos acontecimentos da permanência dos Hebreus no deserto¹⁵ e à lei antiga¹⁶; tem relação, numa palavra, com a passagem dinâmica da Antiga Lei à Nova Lei em Jesus Cristo¹⁷.

Sentido místico: Chama-se místico, porque relativo aos mistérios (μυστήριον: ensinar ou ser iniciado no que é superior à capacidade da inteligência humana) e pertencente ao mundo e à vida de Deus¹⁸.

Sentido psíquico: É entendido na acepção de alma, princípio da vida do corpo e não só como ψυχή, nem em contraposição com πνεῦμα¹⁹.

Sentido interno: Interno quer dizer que atinge o interior da realidade, qual a medula dum fruto rodeada dum invólucro duro e resistente²⁰.

Sentido oculto: Significa que está fora do âmbito da visão natural, por ter o seu habitat para além dum véu que tira a possibilidade de comunicação²¹.

Sentido «sublimior»: Exprime que está acima do nível da história que os homens, por si mesmos, constroem na terra²².

Sentido alegórico ou alegoria: Este nome, frequentemente repetido, deriva do uso de S. Paulo em Gal 4,24, aplicando-o a Agar e Sara e seus dois filhos: «ἡτινὰ ἐστὶν ἀλληγορούμενα»²³.

Sombra: É termo usado em Heb 8,5 para estabelecer uma relação directa entre o culto levítico do Antigo Testamento e o culto celeste: «οἵτινες ὑποδείγματι καὶ σκιᾷ λατρεύουσιν ἐπουρανίων»²⁴.

¹⁴ 2 Cor 3,6.

¹⁵ 1 Cor 10,3-6.

¹⁶ Rom 7,14.

¹⁷ *Commentaria*, t. 1, p. 11; cf. p. 12, 13, 76, 130, 437, 440, 516.

¹⁸ *Ibid.*, p. 9; cf. p. 12, 13, 18, 39, 173, 174, 318, 493, 496, 497, 499, 513.

¹⁹ *Ibid.*, p. 13.

²⁰ *Ibid.*, p. 360; cf. p. 12, 39.

²¹ *Ibid.*, p. 387; cf. 38, 39, 55, 149, 493, 496, 497.

²² *Ibid.*, p. 493; cf. 60, 70, 179, 184, 188.

²³ *Ibid.*, p. 11-12; cf. 13,39.

²⁴ *Ibid.*, p. 11; cf. 308, 334, 343, 365, 370, 378, 402, 407, 409, 414, 416, 424, 428, 430, 431, 441, 443, 448, 465, 471, 478, 479, 493, 497, 498.

Exemplar: Assim é chamado enquanto amostra e esboço do que vai ser a futura obra perfeita²⁵.

Parábola: Tal nome tem origem em Heb 9,9 para indicar a figura que é já anúncio e começo de algo no futuro: «ἡ τις παταβολὴ εἰς τὸν καιρὸν τὸ ἐνεστηκότα»²⁶.

Tipo: A presente palavra exprime uma impressão gravada, uma imagem, uma figura (Vulg.). Tem origem em S. Paulo que chamou típica ou de tipo à orientação definida de personagens e de acontecimentos do Antigo Testamento, em direcção a Cristo e à Igreja: «Ὅς ἐστὶν τύπος τοῦ μέλλοντος»²⁷.

Antitipo: Depende da Carta aos Hebreus, onde tem o valor de tipo em S. Paulo: as realidades do Antigo Testamento que são sombras do modelo celeste pre-existente (Heb 8,5). Essas realidades antigas são (ἡντίτυπα) enquanto que as do Novo Testamento são imagem (εἰκὼν), em relação ao arquétipo celeste.

O esquema é platónico: arquétipo celeste-imagem-sombra; sacrifício de Cristo presente no santuário celeste (Heb 8,5) — culto cristão (Heb 10,1) — culto da Antiga Aliança (Heb 9,34)²⁸.

Sentido tropológico: Significa este nome o modo de sentir e agir; a motivação da vida (τροπός). É dada a noção de Beda:

«Tropologia, id est, moralis locutio, ad institutionem et correctionem morum respicit»²⁹.

O nosso autor, no enquadramento dos quatro sentidos na divisão escolástica, define:

«Tropologicus, id est, moralis sensus appellatur, quid ad morum emmendationem et ornatum dirigitur»³⁰.

²⁵ *Ibid.*, p. 11.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ Rom 5,14; cf. 1 Cor 10,6-11. *Commentaria*, t. 1, p. 11; cf. 1, 20, 46, 49, 183, 188, 189, 190, 194, 211, 214, 322, 334, 336, 346, 386, 390, 410, 413, 423, 426, 432, 439, 442, 485, 493, 496, 497, 500, 501, 502.

²⁸ Cf. P. GRELOT, *Sens chrétien de l'Ancien Testament*, Tournai, 1962, pp. 26 ss.; C. SPICQ, *épître aux Hebreux*, Paris, 1953, t. I, pp. 74-75 e 346. Cf. *Commentaria*, t. 1, p. 11.

²⁹ BEDA, *De Tabernaculo*, Lib. 1, c. 6; cf. *Commentaria*, t. 1, p. 13.

³⁰ *Commentaria*, t. 1, p. 13; cf. 150, 441, 515.

Sentido anagógico ou anagoge: Segundo a etimologia: significa condução para o alto. O correspondente latino é *sursumductio*. Sebastião Barradas refere o termo anagoge, citando Beda, mas usa normalmente a expressão sentido anagógico e não anagogia³¹. Explica:

«Anagogicus a verbo graeco ἀναγω, id est, sursum duco; id est qui nos sursum sublevat ad statum futuri saeculi»³².

2. *Entroncamento na tradição judaica e cristã*

A um primeiro olhar, este conjunto de termos parece um novelo de sentidos em que descortinamos grande dose de arbitrariedade e ampla complexidade.

Mas ao mesmo tempo, a nomenclatura apresenta determinados sintomas que não nos permitem ficar numa primeira impressão. É necessário passar a uma análise mais atenta, para descobrir todo o seu alcance.

O primeiro sinal consiste na relação explícita que é estabelecida entre estes nomes e determinados autores do passado.

Filão e terapeutas: oculto, *De vita contemplativa*³³.

Clemente de Alexandria: oculto, *Stromata*³⁴.

Orígenes: literal, *Contra-Celsum* 1.7.³⁵; espiritual, *Periarchôn*, L 4, c. 3³⁶; psíquico, *ibid*³⁷; sublimior, *Hom. 11 in Exod.*³⁸.

S. Hilário: oculto, *In prologo Psalm.*³⁹.

S. Gregório Nazianzo: literal, *Oratio funeb. de laudibus Basilii*⁴⁰; externo, *ibid.*⁴¹; espiritual, *ibid*⁴²; interno, *ibid.*⁴³.

³¹ O termo anagogia é um barbarismo, introduzido certamente pela atracção das outras palavras da fórmula dos quatro sentidos: história, alegoria, tropologia. Cf. H. DE LUBAC, *Exégèse Médiévale. Les quatre sens de l'Écriture*, II, 2, Paris, 1964, pp. 621-622.

³² *Commentaria*, t. 1, p. 13.

³³ *Ibid.*, p. 12.

³⁴ *Ibid.*, p. 39.

³⁵ *Ibid.*, p. 12.

³⁶ *Ibid.*, p. 13.

³⁷ *Ibid.*, p. 13.

³⁸ *Ibid.*, p. 40.

³⁹ *Ibid.*, p. 13.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 12.

⁴¹ *Ibid.*

⁴² *Ibid.*

⁴³ *Ibid.*

S. Jerónimo: literal, *Comm. Ezech.* 16⁴⁴; histórico, *Comm. in Epist. ad Gal.* 5⁴⁵; somático-carnal, *ibid.* 46; externo, *Epist. 14 ad Paulinum* 47; visível, *ibid.* 48; espiritual, *Comm. in Epist. ad Gal.* 4⁴⁹; místico, *Comm. Ezech.* 16⁵⁰; interno, *Epist. 14 ad Paulinum* 51; sublimior, *Comm. in Epist. ad Gal.* 4. 52; alegórico, *ibid.* 53; tipo, *ibid.* 54.

S. Agostinho: místico, *Epist.* 120⁵⁵.

S. Gregório Magno: espiritual, *In Job* 56.

Beda o Venerável: Histórico, *De Tabernaculo*, l. 1, c-6. 57; alegórico *ibid.* 58; tropológico, *ibid.* 54; anagógico, *ibid.* 60.

O segundo sinal transparece de forma implícita pela presença de todos estes nomes e de outros nos comentários da Escritura, desde os primórdios da exegese cristã e até mesmo desde a exegese judaica. É normal que a terminologia tenha origem na exegese dos autores antigos. Os nomes traduzem a concepção que se tem da Escritura e a prática dos métodos de interpretação. Ora Sebastião Barradas propôs-se recorrer à exegese dos Santos Padres e de outros autores eclesiásticos, como declara:

«Sacrorum librorum intelligentiam non ex praesumptione mea, sed ex maiorum scriptis et auctoritate depromam»⁶¹.

«Habes igitur, optime lector, in hoc primo Tomo, abebisque in reliquis, Deo votis aspirante, litteralis sensus tum ex Patrum, tum ex Doctorum qui postremis his saeculis scripserunt elucubrationibus, investigationem»⁶².

⁴⁴ *Ibid.*, p. 13.

⁴⁵ *Ibid.*

⁴⁶ *Ibid.*

⁴⁷ *Ibid.*

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ *Ibid.*, p. 11-12.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 13.

⁵¹ *Ibid.*, p. 12.

⁵² *Ibid.*

⁵³ *Ibid.*

⁵⁴ *Ibid.*

⁵⁵ *Ibid.*, p. 9.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 12.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 13.

⁵⁸ *Ibid.*

⁵⁹ *Ibid.*

⁶⁰ *Ibid.*

⁶¹ *Ibid.*, p. V.

⁶² *Ibid.*, p. VI.

Perante a referência explícita de certos nomes de sentidos bíblicos que Sebastião Barradas faz a Filão o Judeu Alexandrino, a Clemente de Alexandria, Orígenes, S.^{to} Hilário, S. Gregório Nazianzo, S. Jerónimo, S.^{to} Agostinho, S. Gregório Magno e Beda e perante o confronto implícito entre a terminologia do nosso autor e a terminologia global dos Santos Padres, poderemos concluir que não há arbitrariedade, mas uma continuidade na linha dos primórdios da exegese cristã.

II. As fórmulas da pluralidade

O nosso autor, além de testemunhar a multiplicidade dos nomes dos sentidos bíblicos e o seu emprego flutuante e despreocupado na Idade Patrística, dá conta também da fase de estruturação de que foram objecto posteriormente. Com efeito, no princípio da Idade Média, foi sentida a necessidade de estabilizar os vocábulos e de os fixar em quadro orgânico e sistemático.

Vejamos como são tratadas as diversas fórmulas de sentidos:

1. *As fórmulas quaternária e ternária*

a. Quanto ao número dos sentidos

1) A fórmula quaternária

Sebastião Barradas começa por apresentar uma fórmula quaternária dos sentidos bíblicos: literal ou histórico, alegórico, tropológico e anagógico. Os sentidos são classificados paralelamente, como quatro espécies diferentes. Estabelece, porém, uma escala de sequência: a letra tem uma expressão primeira e, logicamente, uma expressão segunda.

A primeira atinge a história ou outro objecto, a segunda atinge, através das «res historice significatae», a Nova Lei e a Igreja militante e em camadas diferentes, o cristão na via do aperfeiçoamento dos costumes e na elevação celeste, sem contudo explicar se estas duas situações são expressas pelas «res» se pela «littera».

Cada sentido é explicado a partir da etimologia imediata. Tem o cuidado de chamar a atenção para o duplo significado de alegoria: uma figura de retórica e um sentido específico da Escritura.

A estrutura da exposição é quase decalcada sobre a fórmula dos sécs. VIII e IX, em Beda⁶³, ou Rábano Mauro⁶⁴, contendo mais precisão na definição dos sentidos literal e alegórico e mais imprecisão nos sentidos tropológico e analógico. Aponta, pois, para a época da fixação da fórmula quadripartida. Atendamos à exposição do nosso autor:

«Continet autem Scriptura Sacra (ut hoc obiter explicemus) sensum quadruplicem, litteralem sive historicum, allegoricum, tropologicum et anagogicum. Litteralis vel historicus dicitur a littera vel historia, quia id est quem littera vel historia primo significat. Exemplum sit haec propositio: David gigantem vicit; ea, sensu litterali, significat pastorem israelitam Goliath superasse.

Allegoricus ab allegoria nomen habet. Est autem figura, cum aliud sensu, aliud verbis ostenditur. Sensus vero allegoricus peculiari modo dicitur, cum res historice significatae significant alias quae pertinent ad statum Novae Legis vel Ecclesiae militantis. Verbi gratia, illius propositionis: David vicit gigantem, sensus allegoricus est: Christus daemone superavit.

Tropologicus, id est, moralis sensus appellatur qui ad morum emendationem et ornatum dirigitur. Hoc sensu propositio: David vicit gigantem, significat christianum adversus vitia diabolumque certamen iniisse et victoriam, reportasse.

Anagogicus, a verbo Graeco ἀναγω, id est, sursum duco, id est qui nos sursum sublevar ad statum futuri saeculi. Eo sensu, laetitia et plausus quo David, post adeptam de giganti victoriam, ab Israelitis exceptus est, illam delineat laetitiam et plausum quo vir christianus, Diabolo superato, a caelicolis excipitur»⁶⁵.

⁶³ À frente apresentarei o texto de Beda (673-735), citado com relevo por Sebastião Barradas. Beda é dos primeiros a constituir uma exegese à base dos quatro sentidos para um mesmo texto: *Hexaem.* 1. IV (PL XCI 168 BC) *De Tab. et Vasis eius* 1 L.c.VI (410B) *In Lev.* C VI (342-3) *In Cant.* 1.IV (1142 AB) *De Schematis et tropis* C.XII (PL XC 185-186) *In Sam.* C.II (XCI 601 A). Antes embora não muito já Aldhelm de Sherborn (640-709) referia o método de explicação da Escritura segundo os quatro sentidos. Diz Aldhelm de Sherborn: «Nunc quadrifaria evangelicae relationis dicta mysticis catholicorum Patrum commentariis exposita et ad medullam usque spiritualiter enucleata ac quadriformis ecclesiastica e traditionis nunnulis secundum historiam allegoriam tropologiam anagogen digesta solerter indaganda». *De laud Virginitatis*, C. IV, p. 232. Cf. H. DE LUBAC, *Exégèse Médiévale*, I, 1, p. 147.

⁶⁴ Rábano Mauro (776-856) depende ostensivamente de Beda, como dos Padres, a ponto dos seus escritos serem verdadeiros colectâneas de autores, autênticas Catenae que são mantas de retalhos alheios. Toma pois de Beda o que expõe sobre os sentidos. *In Lib. Reg.* (PL CIX 192) *In Ex.* (CVIII 148) *In Gal.* (CXII 331).

Por sua vez também Rábano Mauro é a fonte de outros comentadores que o citarão sem referência a Beda. Contudo S. Tomás de Aquino citará directamente Beda (*Quodl.* 1.7 q.6 a.15) como o nosso autor faz igualmente.

⁶⁵ *Commentaria*, t. 1, p. 13.

Segundo o uso, Sebastião Barradas dá um exemplo explicativo: «David venceu o gigante». Imediatamente a seguir, não resiste à tentação de oferecer o exemplo clássico: a palavra Jerusalém:

«Exemplum alterum esto nomen vulgarissimum Jerusalem, quod, litterali sensu, urbem significat Iudaeae caput: tropologico, animam christianam; allegorico: Ecclesiam in terra militantem; demum, anagogico, Ecclesiam in Caelo triumphantem»⁶⁶.

O exemplo é dado, entre outros, por Rábano Mauro no Comentário da Epístola aos Gálatas⁶⁷. Mas, é bem evidente que a fonte de Rábano Mauro é Cassiano († 435) em *Collationes S. Patrum*⁶⁸. Por sua vez, Cassiano possivelmente bebe na mesma fonte de S. Jerónimo que apresenta o exemplo, sem contudo explicitar os nomes dos «quatro modos» de compreensão:

«Quattuor modis intellegi potest Hierusalem: vel haec quae Babylonio et Romano igne succensa est; vel caelestis primitivorum; vel Ecclesia quae interpretatur visio pacis; vel animae singulorum, quae fide cernunt Deum»⁶⁹.

⁶⁶ *Ibid.*

⁶⁷ «Igitur quattuor figurae in unum ita si volumus confluunt, ut una eademque Hierusalem quadrifarie possit intelligi, secundum historiam civitas Iudaeorum, secundum allegoriam Ecclesia Christi, secundum anagogiam civitas Dei illa caelestis quae mater omnium nostrum, secundum tropologiam anima hominis». In *Gal.*, C.IV (PL, CXII, 331 AC).

⁶⁸ «Igitur praedictae quattuor figurae in unum ita, si volumus, confluunt, ut una atque eadem Hierusalem quadrifarie possit intelligi: secundum historiam civitas Iudaeorum, secundum allegoriam Ecclesia Christi, secundum anagogiam civitas Dei, illa caelestis quae mater omnium nostrum, secundum tropologiam anima hominis, quae frequenter hoc nomine aut increpatur aut laudatur». *Coll.* 14, C. VII (CSEL, 13,II, p. 404-405; SC, 54, 189-192). Cf. H. DE LUBAC, I, 1, p. 190-193.

Para Samuel Berger o iniciador deste exemplo é S. Gregório Magno: «Saint Gregoire, dans ses Morales, a légué aux siècles qui l'ont suivi le perpétuel exemple de quadruple sens des mots, l'exemple du nom de Jérusalem, que reprend tout ce qu'il y a au moyen âge de dictionnaires, de grammaires et de traités sur la Bible. Historiquement, Jérusalem est la ville sanglante (Nahum, 3,1); tropologiquement, elle est le type de l'âme fidèle dont la conscience est en paix; allégoriquement, elle est la figure de l'Église militante où règne la paix, par la charité et la bienveillance et anagogiquement elle représente l'Église triomphante qui est au-dessus de tous les assauts». *La Bible au XVI^e siècle. Étude sur les origines de la critique biblique* Genebra, 1969 p. 26.

H. de Lubac atento à primeira parte da afirmação em que se apresenta S. Gregório como um iniciador da doutrina medieval do quádruplo sentido somente discorda da restrição do «quadruple sens des mots» e não faz nenhuma observação sobre a anterioridade do exemplo famoso de Jerusalém. *Exégèse Médiévale*, I, 1, p. 189, n. 4.

R. M. Grant também não desceu à origem do exemplo, mostrando-se mais interessado em notar a sua repercussão até Nicolau de Lira, Lutero e Melanchton. *L'Interprétation de la Bible des origines chrétiennes à nos jours*, Paris, 1967, p. 102.

⁶⁹ In *Ezechielem Prophetam* 16,1.2 (Vall.V, 143) A. Penna defende que S. Jerónimo nunca afirma uma divisão de quatro sentidos distintos entre si. Quando usa o vocabulário não o circunscreve a uma determinação quaternária. Os quatro modos têm só valor numérico não qualitativo. São dois os sentidos: o literal e a inteligência espiritual. Esta, por sua vez,

Se atendermos só ao esquema quaternário, a fonte de Sebastião Barradas é Beda:

«Hac de re, sic scribit Venerabilis Beda: Mensa tabernaculi quatuor habet pedes, quia verba caelestis oraculi, vel historico intellectu, vel allegorico, vel tropologico, id est, morali, vel certe anagogico solent accipi. Historia est cum res aliqua, quo modo secundum litteram facta sive dicta sit, plano sermone refertur. Allegoria est, cum verbis sive rebus mysticis, praesentia Christi et Ecclesiae Sacramenta signantur. Tropologia, id est, moralis locutio, ad institutionem et correctionem morum respicit. Anagoge, id est, ad superiora ducens locutio, est quae de praemiis futuris et ea quae in caelis est vita futura, sive mysticis sive apertis sermonibus disputat»⁷⁰.

2) A fórmula ternária

Após a constatação dos quatro sentidos, Sebastião Barradas aponta a existência duma fórmula de três sentidos, ainda que de maneira imprecisa, pois que nos três nomes: literal, alegórico e anagógico, destaca as duas categorias: o literal e o espiritual, chamado também místico:

«Appellatur etiam sensus mysticus, id est, arcanus, sensus spiritualis, sub historico delitescens, sive ille allegoricus sit sive anagogicus»⁷¹.

Como testemunhas deste esquema são aduzidos os nomes de Orígenes, S. Jerónimo e S. Bernardo.

Orígenes é citado cinco vezes no reduzido contexto da teoria dos sentidos⁷²: duas citações de *Contra Celsum*, l. 7 e três do *Periarchôn*, L. 4, c. 1 e 2. Três textos referem a posição fundamental de Orígenes sobre a divisão binária: literal e espiritual. As outras duas citações apresentam o mesmo texto acerca da estruturação dos sentidos à semelhança da composição do homem em corpo, alma e espírito:

⁷⁰ Toma ou pode tomar três formas: alegoria, tropologia, e analogia. «Gerolamo usi frequentemente, i termini «Historia» (o «littera»), «allegoria», «tropologia» ed «anagogen»; in nessuno punto dei suoi commenti il contrappone tutti e quattro come indicanti quattro sensi distinti». *Principi e carattere dell'Esegesi di S. Gerolamo*, Roma, 1950, p. 48-49.

⁷¹ De *Tabernaculo et Vasis ejus*, Lib. 1, cap. 6 (PL.91,410). S. BARRADAS, *ibid.* A citação está conforme; só as omissões após signantur... e recipit... não são indicadas. Cf. *Commentaria*, t. 1, p. 13.

⁷² *Ibid.*

⁷³ *Ibid.*, p. 11-13.

«Lege Originem: Tripliciter (ergo) describere oportet (in anima sua) unumquemque intelligentiam divinarum litterarum: id est, ut simpliciores quique aedificentur ab ipso, ut ita dixerim, corpore Scripturarum: sic enim ap pellamus (communem istum et) historiam intellectum. Si qui vero aliquantum iam proficere coeperint et possunt amplius aliquid intueri, ab ipsa Scripturae anima aedificentur. Qui vero perfecti sunt, et similes his de quibus Apostolus dicit: Sapientiam loquimur inter perfectos... (1 Cor 2,6.7), hi tales ab ipsa spiritali lege, quae «umbram habet futurorum bonorum», tanquam a spiritu aedificantur»⁷³.

O segundo lugar em que cita o Periarhôn dá-nos a continuação da passagem que acaba de ser exposta:

«Sicut homo constare dicitur ex corpore et anima et spiritu, ita etiam Sancta Scriptura quae ad hominum salutem divina largitione concessa est»⁷⁴.

S. Jerónimo, no mesmo contexto, é citado seis vezes: dois textos do *Com. in Ep. ad Galatas*, c. 4 e c. 5; um, da *Epist. 14 ad Paulinum*; dois, do *In Ezechielem Prophetam*, c. 16 e c. 44; um, da *Epist. 120*, 12, a célebre carta a Edíbia. Este texto é reduzido ao seu núcleo principal em que se afirma a tricomia dos sentidos, como tinha afirmado Orígenes e naturalmente em dependência dele⁷⁵:

«Triplex in corde nostro descriptio et regula Scripturarum est: prima, ut eas intelligamus iuxta historiam; secunda, iuxta tropologiam; tertia, iuxta intelligentiam spirituale»⁷⁶.

Esta divisão tripartida é comprovada com outro texto de S. Jerónimo:

«Legimus in Proverbios capit. 22,20-21: tu autem scribe ea tripliciter, ut respondeas sermones veritatis qui proponuntur tibi, et iubetur nobis ut eloquia veritatis, id est, Scripturas Sanctas intelligamus tripliciter: primum, iuxta litteram; secundo, medie per tropologiam; tertio, sublimius ut mystica quaeque cognoscamus.

⁷³ De *Principiis*, Lib. 4, c. 2 (CB.V, p. 312-313). Entre parêntesis e com reticências são indicadas as omissões. Sebastião Barradas cita o *Periarhôn*, não segundo o grego, mas segundo a tradução latina de Rufino de Aquileia (340-410).

⁷⁴ *Ibid.*, *Commentaria*, t. 1, p. 12. É Orígenes que primeiro considera a Escritura como tendo corpo, alma e espírito. S. Berger, diz erradamente: «Saint Eucher, évêque de Lyon au cinquième siècle, a le premier montré comment l'Écriture Saint a un corps, une âme et un esprit». *La Bible au XVI siècle*, p. 26.

⁷⁵ Cf. A. PENNA, *Principi e carattere*, p. 52-53.

Secundum litteram, illud: Noliti murmurare, sicut quidam de eis murmuraverunt et perierunt ab exterminatione (1 Cor 10,10); iuxta tropologiam, quando recedimus a littera et paululum ad altiora conscendimus, dicente Apostolo: Scriptum est, non ligabis os bovi trituranti (1 Cor 9,9);

Tertia et sublimius, sacraque intelligentia, iuxta illud eiusdem Apostoli: Propterea relinquet homo patrem et matrem et adhaerebit uxori suae: Sacramentum hoc magnum est, ego autem dico in Christo et Ecclesia (Ef 5,31-32) ⁷⁷.

Em terceiro lugar, entre muitos autores da Idade Média que poderiam atestar o uso da fórmula ternária, é destacado S. Bernardo:

«Sit ortus, simple ac plana historia, sit cellarium, moralis sensus, sit cubiculum, arcanum theoricæ contemplationis» ⁷⁸.

3) O uso das duas fórmulas

Como acabamos de observar, Sebastião Barradas dá importância à sistematização segundo as fórmulas quaternária e ternária.

Não faz alusão a outras fórmulas: de cinco, seis e sete sentidos. Claude de Turin († 827) esboça um conjunto de cinco sentidos ⁷⁹. Garnier de Rocheford († 1216) descobre seis, sem incluir o histórico ⁸⁰. Angelome de Luxeuil († 855), já depois de outros comentadores muito mais antigos, refere um esquema de sete: histórico, alegórico, mixto, trinitário próprio ou trópico, parabólico, adventista e moral ⁸¹.

⁷⁶ *Epist.* 120,12 (CSEL, 55, p. 513-514). *Commentaria*, t. 1, p. 13.

⁷⁷ *In Ez.* 16,30-31 (Vall, V,172-173). *Prov.* 22,20-21 é citado segundo os LXX.

⁷⁸ S. 23, n.º 3 (PL, CLXXXIII, 885 D).

⁷⁹ *In Gen.*, 1,III (PL, L, 1029 D).

⁸⁰ «Est unumquodque eorum æquivocum ad multa. Dicitur enim quandoque emphatice, quandoque antonomastice, quandoque specificæ, quandoque allegorice, quandoque anagogice, quandoque tropologice. Emphatice, id est expressive, dicitur Christus... Specificæ, Virgo Maria... Allegorice, generalem significat Ecclesiam... Anagogica... caelestio Ecclesia figuratur... Tropologice, totus homo...». S. 37, in *ded. Eccl.* (PL, CCV, 807-808).

⁸¹ Cf. *In Libros Reg. præf. apol.* (PL, CXV, 245-246). A lista de sete sentidos tem origem nos sete selos do Apocalipse 5,1: «Et vidi in dextera sedentis in throno librum scriptum intus et foris signatum sigillis septem».

Os críticos, como Miss BERYL SMALLEY (*The Study of the Bible in the Middle Ages*, 2.ª ed., Oxford, 1957, p. 41-42); C. SPICQ (*Esquisse d'une histoire*, Paris, 1944, p. 24) atribuem a Angelome de Luxeuil a criação dos sete sentidos e a relação com o Apocalipse. Segundo M. L.W. Laistner, a dependência dos sete selos do Apocalipse já existe em Tyconnius († 400) (*Some Early Med. Commentaries on the Old. T.*, HTR, XLVI, 1953, p. 30, n.º 4).

Não é seguramente Angelome o iniciador de tal relação. Uma exegese quase unânime já tinha visto em Apoc. 5,1 o livro da Escritura. A parte interior do livro é constituída

Em verdade, estas fórmulas mais desenvolvidas não se impuseram. O próprio Angelome não se aventurou numa exegese à base de sete sentidos, mas circunscreveu-se a três, como declara:

«Verum, licet isti modi multipliciter istic inveniantur, tamen, juxta jugitatem triplicis divisionis, studuimus pimum historicam, quae, gesta depromit, tangere; deinde allegoricam significationem, quae fidem aedificat, pandere; ad extremum quoque moralitatem, quae vitam honestam componit.»⁸²

Sebastião Barradas fixou-se nas divisões clássicas que se impuseram, pouco a pouco, a partir dos primeiros alvares da Idade Patrística. C. Spicq sustenta que as duas fórmulas existiam no séc. XII, mas tinham sido criadas nos séculos anteriores: Orígenes e S. Jerónimo criaram a ternária e Cassiano e S.^{to} Agostinho criaram a quaternária, depois assumida por Beda e Rábano Mauro⁸³. A. Vaccari quis ser mais preciso, quando afirmou que a fórmula quadripartida se impôs só na segunda parte do séc. XII e antes era usada a tripartida⁸⁴.

H. de Lubac deixa estas balizas cronológicas e defende que as duas fórmulas são usadas simultaneamente⁸⁵. Esta posição é reafirmada, mais recentemente, por G. Zevini, quando atribui à Idade Patrística e Idade Média o recurso ao método de três ou quatro sentidos, na interpretação da Escritura⁸⁶.

pelo Evangelho, onde se descobrem sete partes, como descobriu, entre outros, Apringius de Beja, no século VI (também chamado Apringius de Pace, isto é, Pax Julia, onde foi Bispo, e que corresponde a Beja, em Portugal: «Septem signacula ejus sunt: corporatio..., nativitas..., passio..., mors..., resurrectio..., gloria..., regnum. Haec ergo Christus, dum per hominem cuncta Complent, omnia quae in Scripturis erant clausa atque signata aperuit atque resignavit».

P.A.C. VEGA (ed.). *Apringii Pacensis Episcopi Tractatus in Apocalypsim*, Escorial, 1941, p. 31.

O mistério de Cristo é visto na grande dimensão da História da Salvação que o Espírito revela, na Sua capacidade septiforme: «Septem lampadas ardentes ante thronum qui sunt septem spiritus Dei», Ap 4,5. Daqui passou-se para o conteúdo do mistério, isto é, para os sete sentidos da Escritura. Primasius d'Hadrumète († 552) é dos primeiros que fala dos sete sentidos, mas, por sua vez, em dependência do comentário sobre o Apocalipse de Tyconius, actualmente perdido.

⁸² *In Libros Reg. praef. apol.* (PL. CXV, 246 CD).

⁸³ *Esquisse d'une Histoire de l'exégèse latine au Moyen Age*, Paris, 1944, p. 98-99.

⁸⁴ *Auctor Versuum de quatuor Scripturae sensibus*, in VD, 9 (1929), p. 212.

⁸⁵ *Exégèse Médiévale*, I, 1, p. 139. «En réalité, la dualité est simultanée, et le R.P. Spicq a bien marqué l'origine ancienne de l'une et de l'autre manière de compter».

⁸⁶ *La Metodologia dell'intelligenza spirituale della Sacra Scrittura come esegesi biblica, secondo Gregorio Magno*, in MARCHESELLI C. C. (ed.), *Parola e Spirito-Studi in onore de Settimio Cipriano*, Brescia, 1982, p. 871.

Sebastião Barradas refere-se indistintamente às duas fórmulas quaternária e ternária e comprova a sua existência, com Orígenes, S. Jerónimo, Beda e S. Bernardo.

b. Quanto à ordenação dos sentidos

1) As fórmulas teológica e antropológico-mística

No bosquejo rápido sobre os sentidos bíblicos de Sebastião Barradas, há uma particularidade que merece uma análise cuidadosa. Trata-se do lugar que cada sentido ocupa nas fórmulas. Começamos por referir as fórmulas, segundo a diferença numérica, quatro ou três, como procedem normalmente os historiadores da exegese. Referimo-nos a C. Spicq e a A. Vaccari.

Podemos juntar Samuel Berger, no séc. XIX, que declara que, em toda a Idade Média, a interpretação da Bíblia obedeceu à regra do quádruplo sentido. Em seguida, entende este conjunto na sua quantidade e não na qualidade de ordem⁸⁷. Igualmente A. Penna discorre sobre as fórmulas quadripartida e tripartida, no período patrístico, sem fazer atenção ao lugar ocupado pelos sentidos⁸⁸.

Mas o lugar é mais significativo que a quantidade. Vale, pois, a pena seguir esta nova pista. Ela está presente nos textos acabados de apresentar.

Parece-me poder afirmar que Sebastião Barradas exprime neles, intuitivamente ou reflectidamente, o valor das fórmulas ou o seu interesse próprio, a partir da disposição dos elementos, mais do que do conjunto numérico.

Esta perspectiva na classificação das fórmulas dos sentidos bíblicos foi defendida por H. de Lubac, em fina análise, que projecta uma nova luz sobre o assunto.

Primeiramente, constata-se que há autores que, na primeira sequência de sentidos, ou seja, na chamada «fórmula quadripartida», põem em ordem, ora três, ora quatro elementos. Omitem, umas vezes, a anagogia, omitem também, por vezes a tropologia. Isso não significa alteração na estrutura da fórmula. Então acontece que uma fórmula de três membros pode ser realmente de quatro,

⁸⁷ *La Bible au XVI^e siècle*, p. 25-28.

⁸⁸ *Principi e Carattere*, p. 47-58.

se um dos membros é descobrado em dois: por exemplo, a alegoria contém a anagogia. Outra fórmula de quatro pode ser realmente de três membros se a duplicação constitui somente a divisão de um membro em dois: por exemplo, a alegoria aplicada a Cristo e à Igreja.

Em segundo lugar, descobre-se que a «fórmula de três sentidos» pode desenvolver-se com quatro membros. Dá-se este caso, em geral, quando se agrega a anagogia.

O primeiro caso verifica-se em Beda⁸⁹, que é considerado o chefe de fila da fórmula quaternária e igualmente naqueles que nela se situam⁹⁰.

O segundo caso encontra-se, entre outros, em Prudence de Troyes⁹¹ e em Heterius d'Osma e Beatus de Liebana⁹²; Aelred de Rievaulx⁹³.

Portanto, conclui H. de Lubac, a razão da distinção das fórmulas não está na diferença numérica, mas na ordem em que são colocados os três ou os quatro sentidos. Assim, há uma fórmula em que a tropologia ou moral segue a alegoria ou a inteligência espiritual; e há uma outra, em que a tropologia precede imediatamente a alegoria. A primeira, é chamada: teológica, doutrinal, noética, clássica. A segunda: antropológica, catequética, pedagógica, mística, pneumática⁹⁴.

⁸⁹ Beda fica em três membros e estes nem sempre são constantes. «In Scriptura sacra triplex est sensus... historicus vid., allegoricus et anagogicus» *Hexaemeron*, 1, IV (PL, XCI, 1688); «Triplex namque est divinarum Scripturarum intelligentia: historica, mystica, moralis». In *Lev.*, C.VI PL, XCI, 343 A).

⁹⁰ A. de Luxeuil, *In libros Reg, praef, apol.* (PL, CXV, 245-245); Rabano Mauro: «Judas noster... tribus ordinibus pugnat, hoc est sive sanctae Trinitatis fide, sive triplice dogmate, id est, historico, allegorico atque tropologico», *In I Mach.*, C.V (PL, CIX, 1167 D. 1170 B); S. Pedro Damiano († 1072): «Dissolutis nebulis allegoriae, hunc etiam rivulum Scripturae ad irrigandos mores nostros possumus trahere» S.71 (PL, CXLIV, 907 C); Hugo de S. Victor († 1141): «Si ergo Seraphim Scripturam Sacram significat, tria paria alarum sunt intellectus ejusdem Scripturae, id est, historia, allegoria, tropologia; quae singula incirco bina sunt, quia singula ad dilectionem Dei et proximi legentium animos accedunt». *De arca mor.*, 1,I,C.II (PL, CLXXVII, 624).

⁹¹ «Quadrige hujus viae sunt quattuor divinarum eloquiorum species: historica, ethica, allegorica, anagogica, quibus ad omnem sacrarum litterarum intellectum, illuminante gratia, inducimur», *De praedest.* (PL, CXV, 1352 B).

⁹² «Littera, tropologia, mystica intelligentia, anagoge». *Adv. Elip.*, 1,I,C.C.V. (PL, XCVI, 958 A).

⁹³ «Prima facies ejus est historia, altera moralitas, tertia allegoria, quarta anagoge, id est sensus de superioribus», *De temp.* S. 10 (PL, CXCIV, 204 CD).

⁹⁴ H. DE LUBAC, *Exégèse Médiévale*, I,1, p. 139-169; I,2, p. 408-423; Id., *Sur un vieux distique: La doctrine du «quadruple sens» de l'Écriture*, in *Mélanges F. Cavalera*, Toulouse, 1948, p. 348-366; Id., *Histoire et Esprit. L'intelligence de l'Écriture d'après Origène*, Paris, 1950, p. 159.

2) Testemunhos das novas fórmulas

Passemos agora ao texto do nosso exegeta. A fórmula teológica é destacada, duas vezes, com as suas próprias palavras e uma vez, com a citação de Beda. Duas vezes, a fórmula é desenvolvida na totalidade clássica dos quatro membros: literal, alegórico, tropológico e anagógico. Uma vez, o esquema embora teológico, é tripartido, deixando de fora a tropologia: literal, alegórico e anagógico.

A fórmula antropológico-mística começa por ser apresentada imediatamente a seguir à fórmula teológica. É ao exemplo clássico da palavra Jerusalém que é aplicado o esquema antropológico. A ordem em Rábano Mauro quanto a este exemplo, é: História, alegoria, anagogia, tropologia. Encontra-se a mesma em Cassiano. Sebastião Barradas altera a ordem: literal, tropológico, alegórico, anagógico.

Pressente-se que é importante este esquema, em que a tropologia segue a história ou sentido literal. Para o justificar recorre a testemunhos que abrangem uma vasta linha cronológica. Cita Orígenes, S. Jerónimo e S. Bernardo:

Orígenes: Corporal, psíquico, pneumático ⁹⁵.

S. Jerónimo: Literal, tropológico, místico ou história, tropologia, inteligência espiritual ⁹⁶.

S. Bernardo: Histórico, moral, contemplativo ⁹⁷.

2. *Fórmula binária*

As fórmulas teológica e antropológica, em esquema quaternário ou ternário, vieram, a partir da alta Idade Média e sobretudo a partir do séc. XII, a pôr cobro à grande dose de arbitrariedade dos nomes dos sentidos bíblicos. Não eliminaram, contudo, a sua complexidade, antes a acentuaram. As fórmulas traduziam três dimensões dos sentidos:

as camadas do pensamento,
o método de procura do pensamento,
a sistematização do pensamento, em disciplinas de doutrina.

⁹⁵ *Commentaria*, t. 1, p. 12 e 13.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 13.

⁹⁷ *Ibid.*

Além disso, na sequência dos elementos, as fórmulas tinham uma maior acentuação teológica ou antropológica.

Sebastião Barradas situou correctamente a fórmula teológica dos quatro membros, em Beda⁹⁸. Fez remontar a fórmula antropológica de três membros a Orígenes, testemunhou-a com Jerónimo e prolonga-a até S. Bernardo⁹⁹.

Sebastião Barradas dá-se conta da complexidade das fórmulas, mesmo após o contributo que trouxeram aos sentidos pela sua sistematização. Sobretudo a complexidade advém do facto dos sentidos serem colocados paralelamente nas fórmulas, em sequência numérica, sem explícita distinção da sua qualidade específica. O sentido literal é seguido de mais sentidos, sejam eles três ou dois, sejam o alegórico, o tropológico e o anagógico, sejam o tropológico e o alegórico.

a. A fórmula binária posta em relevo

Para não deixar dominar esta imprecisão e alargamento de sentidos, a dado momento, precisamente após ter apresentado as duas fórmulas teológica e antropológica, Sebastião Barradas reduz todos os sentidos a uma fórmula binária: sentido histórico e sentido espiritual chamado também místico:

«Appellatur etiam sensus mysticus, idest, arcanus, sensus spiritualis, sub historico delitescens, sive ille allegoricus sit, sive anagogicus»¹⁰⁰.

⁹⁸ Muitos, depois de Sebastião Barradas atribuíram a fórmula orgânica dos quatro sentidos a Rábano Mauro ou a Amalaire de Metz († 650). Sebastião Barradas desceu mais para trás até Beda o Venerável. H. de Lubac desce até Aldhelm de Sherborn (séc. VII). Cf. H. DE LUBAC, *Exégèse Médiévale*, I, 2, p. 421.

⁹⁹ A fórmula ternária antropológica é situada, no seu nascimento, em Orígenes. De maneira geral, atribui-se a Orígenes só esta sequência fundamentada na divisão do homem em três: corpo, alma e espírito.

Orígenes, porém, é a fonte comum quer da fórmula ternária antropológica quer da fórmula quaternária teológica, como garante H. DE LUBAC: «Il y a bien dès le commencement deux listes, non réductibles l'une à l'autre; mais ces deux listes, avec les deux ordres qui les caractérisent, se trouvent l'une et l'autre chez un même auteur qui domine toute la tradition postérieure: Origène». *Ibid.*, p. 198.

De Orígenes deriva a fórmula antropológica que foi captada e transmitida por S. Ambrósio, S. Jerónimo, Cassiano e Eucherius de Lião. Também Orígenes é a fonte da fórmula teológica, que tem em S.^{to} Agostinho um inspirador e em S. Gregório Magno o precursor da sua sistematização em Beda. Cf. H. DE LUBAC, *ibid.*, p. 198-207.

¹⁰⁰ *Commentaria*, t. 1, p. 13.

O nosso autor segue aqui o procedimento de S. Tomás¹⁰¹. Mais propriamente é à época anterior a S. Tomás que Sebastião Barradas vai buscar a preocupação de pôr ordem na multiplicidade de sentidos, reduzindo-os a dois fundamentais. Foi, com efeito, Hugo de S. Victor que, no séc. XII, sistematizou os sentidos que desde Beda e Rábano Mauro se tinham reunido indistintamente¹⁰². De Hugo de S. Victor partiu a orientação para classificar os sentidos com mais propriedade. Dele depende S. Tomás para a sua clarificação dos sentidos, assim como vários outros autores. Foi em Hugo de S. Victor também que o nosso autor provavelmente se inspirou, para chamar a atenção para os dois sentidos fundamentais, o histórico e o místico, e para dividir o místico ou espiritual só em alegórico e anagógico, omitindo o tropológico. Sendo o sentido tropológico indispensável na fórmula antropológica que merece as suas predilecções, a sua omissão só pode resultar duma dependência muito estreita dalguma fonte que parece ser Hugo de S. Victor. Porém, a redução das fórmulas de sentidos a dois sentidos fundamentais não foi só uma necessidade de clarificação, mas foi também a resposta ao apelo das origens. Antes das fórmulas quaternária e ternária, existiu a fórmula binária.

b. Fórmula binária, fórmula fundamental

Quando Sebastião Barradas, entre as fórmulas quaternária e ternária, de índole teológica ou antropológica, insere a fórmula binária, pretende fazer um apelo metodológico numa possível dispersão de sentidos. Não sustenta, pois, que tenha havido uma pas-

¹⁰¹ *Quodlibet VII*, q. 6, art. 14-16; *Super epist. ad Galatas, lectura, cap. 4, lect. 7; I^a, q. 1, art. 10*. Cf. H. DE LUBAC, *ibid.*, II.2, p. 272-285.

¹⁰² Hugo de S. Victor expõe dois sentidos: o histórico e o alegórico. O sentido histórico é expresso pelas palavras; o sentido alegórico é comunicado pelas coisas. Por sua vez o alegórico divide-se em dois: alegórico e anagógico.

«Prima expositio est historica, in qua consideratur prima verborum significatio ad res ipsas de quibus agitur.

Habet enim sacrum eloquium proprietatem quamdam ab aliis scripturis differentem, quod in eo primum per verba quae recitantur, de rebus quibusdam agitur, quae rursum res vice verborum ad significationem aliarum rerum proponantur ...

Secunda expositio est allegoria. Est autem allegoria, cum per id quod ex littera significatum propositur, aliud aliquid sive in praeterito sive in praesenti sive in futuro factum proponitur. Dicitur allegoria alieniloquium, quia aliud dicitur et aliud significatur, quae subdividitur in simplicem allegoriam et anagogen. Et est simplex allegoria, cum per visibile factum invisibile factum significatur. Anagoge, id est sursum ductio, cum per visibile invisibile factum declaratur». *De Scripturis et Scripturibus* (PL. CLXXV, 11-12).

sagem das fórmulas quaternária e ternária para a binária¹⁰³. Muito pelo contrário, testemunha que foi a partir dum duplo sentido que se operou a evolução para as fórmulas mais desenvolvidas.

Antes de expor esquematicamente a doutrina das fórmulas dos sentidos múltiplos, apresentou a doutrina do duplo sentido: literal e espiritual.

Estes dois sentidos estão intimamente unidos na Escritura. É, contudo, no Antigo Testamento que eles são mais presentes e mais actuaes. Precisamente aí está o ponto de partida para Sebastião Barradas fazer uma exposição sucinta sobre os sentidos desde o seu núcleo fundamental:

«Testamentum Vetus umbra fuit et typus Novi»¹⁰⁴.

Aí no Antigo Testamento letra e espírito estão compenetrados entre si. Não há sombra sem corpo. Não há tipo sem objecto de referência.

Ao falar de duplo sentido, como já vimos, não se manejam noções simples.

O duplo sentido exprime, segundo a acepção comum, o meio de significação: uma significação histórica através das palavras e uma significação misteriosa através das coisas. Também Sebastião Barradas toma os sentidos particularmente nesta óptica. Mas não deixou de exprimir também a dimensão primeira dos sentidos: os dois níveis do pensamento, ligado à história do Povo Hebreu e à história de Jesus Cristo.

Estes dois níveis do pensamento são já atestados, embora de maneira incompleta e até equívoca, por alguns judeus que reconhecem um corpo e uma alma na Escritura, um sentido grande (*dabar gadol*) e um sentido pequeno (*dabar gaton*). Trata-se, no fundo, da percepção da riqueza do sentido da Escritura, enquanto procede da fecundidade do Espírito de Deus. O próprio *midrash* é, antes de tudo, o reconhecimento da profundidade e polivalência de sentido. Só depois passará a ser, uma procura carismática do sentido e uma procura do sentido através de determinadas técnicas,

¹⁰³ P. C. Boeren defende a evolução descendente de quatro a dois sentidos. Antes do século XII, teria dominado a fórmula de quatro sentidos. Depois do século XII, na prática impunha-se a fórmula tripartida. Não há, porém, bases históricas para afirmar tal sucessão. Cf. H. DE LUBAC, *Exégèse Médiéval*, I, 2, p. 406.

¹⁰⁴ *Commentaria*, t. 1, p. 11.

como as que foram usadas no judaísmo intertestamentário, em meio rabínico-farisaico: filologia e dialéctica¹⁰⁵.

Também quando, no judaísmo alexandrino, por influência da cultura da época, é feito recurso à alegoria, na base há a consciência dum nível superior de pensamento ao qual se supõe ter acesso através dessa técnica literária e filosófica.

Quem descobre, porém, o autêntico sentido espiritual no Antigo Testamento é Jesus Cristo. Essa descoberta é muito mais do que uma explicação das palavras; é uma verdadeira revelação de si próprio e da sua acção salvífica, começada já em anúncio e em realidade actuante no Antigo Testamento.

Sebastião Barradas proclama alto em introdução, antes de entrar na exegese, o significado real do acontecimento de Cristo, mesmo não se fixando, senão levemente, nas suas palavras e acções. Antes de tudo, o importante é o facto Jesus Cristo, em si mesmo, como é reconhecido pelos testemunhos da Igreja Apostólica, particularmente de S. Paulo e da Carta aos Hebreus. As citações são as mais indicativas, antes de tudo, da novidade cristã que se situa em Cristo e, já como preparação real, na história do Povo a que Cristo pertence.

A época patrística testemunha também esta fé fundamental em Cristo como realização do Antigo Testamento.

Esta acepção dos sentidos, como níveis do pensamento, está incluída necessariamente na acepção mais comum e explícita do meio de significação e da técnica ou método de acesso actual a esse meio.

Cristo não é citado. Sebastião Barradas não vê bem o uso que Cristo fez das técnicas de interpretação utilizadas entre os judeus do seu tempo. É antes dominado pela grandeza e novidade da mensagem que Ele comunica. Não o impressiona a relação que Cristo estabelece entre si e personagens passadas. É antes dominado pela Glória da Ressurreição e pela força da acção salvadora da Morte de Cristo¹⁰⁶.

Toda a força da argumentação é reservada para S. Paulo e Carta aos Heb. Col 2,17; 1 Cor 2,15; 10,1-4.11; Rom 7,14; Heb 9,9.23-24; 10,1-4; 11,17-19.

¹⁰⁵ Cf. PIERRE GRELOT, *La Bible Parle de Dieu*, Paris, 1965, p. 182-186.

¹⁰⁶ Mt. 12,39-40; Jo 3,14.

Toda a Idade Patrística confirma a convicção da Igreja Apostólica. São citados: S. Ireneu, Clemente de Alexandria, Orígenes, S. Jerónimo, S.^{to} Agostinho. Os autores que mais acentuaram o aspecto do conteúdo da Escritura foram: Orígenes, S. Gregório Nazianzo, S. Hilário, S.^{to} Agostinho, S. Jerónimo, S. Gregório Magno.

Nestes dois aspectos dos sentidos são, pois, situados: Orígenes, S. Jerónimo e S.^{to} Agostinho. E são precisamente estes os autores da Patrística que mais cabalmente testemunham a fórmula binária.

S. Ireneu, em resposta à falsa gnose e ao seu alegorismo, acentua predominantemente o sentido literal. Não testemunha pois o sentido espiritual como alegoria. Contudo, é dos primeiros autores a defender a unidade dos dois testamentos, na base da prefiguração do Antigo Testamento¹⁰⁷. É ainda S. Ireneu que, suspeitando da validade do método alegórico para afirmar a realidade histórica da fé cristã, se fixa no literalismo, mas com a intenção definida de não deixar diluir a história bíblica, em mitos e símbolos atemporais¹⁰⁸.

Contariamente, Clemente de Alexandria tem uma dominante mais alegorista. Não quer dizer que defenda o método pelo método. A alegoria é o meio de encontrar a Revelação¹⁰⁹.

A fórmula binária está presente, de maneira mais completa e mais clara, em Orígenes, S. Jerónimo e S.^{to} Agostinho. Orígenes, antes de introduzir a divisão tripartida, na sequência da analogia com o homem composto de corpo, alma e espírito, distingue somente duas realidades: uma externa e outra interna, a letra humana e o sentido superior divino, o sentido somático e o sentido pneumático. O sentido psíquico, que é introduzido, não tem um lugar definido;

¹⁰⁷ «Nam prophetia est praedicatio futurorum, id est eorum quae post erunt praesignificatio». *Adversus Haereses*, 4,20,5 (PL 7).

¹⁰⁸ «La manière dont Irénée analyse le rapport entre les deux Testaments n'a pas eu moins d'importance historique. En fait il a été le premier théologien chrétien à pendre au sérieux l'histoire biblique et à mettre en lumière la valeur permanente de la Loi». R. M. GRANT, *L'interprétation*, p. 63.

¹⁰⁹ Cf. R. M. GRANT, *op. cit.*, p. 61-68: «C'est Clément d'Alexandrie qui a été le premier parmi les chrétiens à interprendre de justifier la méthode allégorique et d'en expliquer le sens... Il semble être venu au Christianisme en écoutant un enseignement qu'il a accepté sans se poser beaucoup de questions. C'est lorsqu'il cherche à retrouver cet enseignement exprimé dans les paroles de l'Écriture qu'il commence à élaborer une théorie du symbolisme de la Bible. Il croit que toute l'Écriture s'exprime en un mystérieux langage de symboles (Str.VI, 124,6,II,494 St) exactement comme tous ceux, barbares et Grecs, qui ont parlé théologie, ont recouvert d'un voile leur révélation d'ultime vérité; ils n'ont pu la transmettre qu'à travers des énigmes, symboles, allégories, métaphores et autres figures analogues».

ora se inclina para o literal, ora se aproxima do pneumático, ora poderá exprimir uma capacidade moralizante¹¹⁰.

A alegoria é o meio de chegar ao sentido espiritual. Exprime a técnica em uso na cultura helenística, mas com um conteúdo diferente que lhe advém do pensamento de S. Paulo. Orígenes tem a preocupação de acentuar a índole pauliana da alegoria¹¹¹.

S. Jerónimo, e também Orígenes, são apresentados por Sebastião Barradas e por muitos autores, como os iniciadores da fórmula tripartida antropológica. Mas ao tratar da fórmula básica de dois sentidos, reconhece que Orígenes e S. Jerónimo a atestam antes de qualquer outra fórmula. A esta conclusão chega a A. Penna no seu estudo sobre a exegese de S. Jerónimo: o duplo sentido é a base da sua exegese, ainda que, em teoria, tenha sido influenciado por Orígenes para estabelecer os sentidos bíblicos, de acordo com a distinção antropológica de inspiração platónica¹¹².

S.^{to} Agostinho é considerado como o primeiro a estabelecer a fórmula de quatro sentidos. É aduzida uma passagem do *De utilitate credendi*, onde expõe a maneira de entender a Escritura: segundo a história, a etiologia, a analogia e a alegoria¹¹³. Contudo, se é certo que a alegoria é para S.^{to} Agostinho o meio de interpretação, não é evidente a atestação de quatro sentidos. Porém, é evidente a afirmação dos dois sentidos fundamentais: literal e espiritual.

Sebastião Barradas não aduz S.^{to} Agostinho como testemunha dos quatro sentidos, mas considera-o como autor que atesta explicitamente o duplo sentido. Na passagem do *Contra Faustum*, S.^{to} Agos-

¹¹⁰ Cf. A. PENNA, *Principi e carattere...*, p. 49-50.

¹¹¹ *In Gen.*, h. 3, n.º 4; h. 1, n.º 17; h. 3, n.º 5; h. 6, n.º 1.

Cf. H. DE LUBAC, *Exégèse Médiévale*, I, 1, p. 378.

¹¹² «In pratica per Gerolamo contano due sensi, il letterale e lo spirituale. Ognuno di essi é indicato con una dovizia di termini, capaci di indurre a supporre un'inesistente molteplicità di sensi, mentre essi sono in realtà tutti su per giù sinonimi.

Riguardo ad altre divisione si può affermare: 1) Gerolamo non ammise mai quattro sensi distinti della Bibbia, secondo la denominazione degli Scolastici.

2) Nella formulazione teoretica della triplice divisione dei sensi biblici Gerolamo dipende da Origene, che ne aveva, fissato i principi, con riferimento alla tricotomia platonica ad alla corrispondenza con i gradi ascetici, o a Prov. 22,20 misticamente interpretato.

3) Solo raramente Gerolamo additò tre sensi biblici distinti: «littera o historia, tropologia, spiritualis intelligentia». In pratica egli pochissime volte segui questa tricotomia ermeneutica». A. PENNA, *Principi e carattere*, p. 58.

¹¹³ «Omnis igitur Scriptura, quae Testamentum Vetus vocatur, diligenter eam nosse cupientibus quadrifaria traditur: secundum historiam, secundum aetiologiam, secundum analogiam, secundum allegoriam...». *De utilitate credendi*, cap. III, n.º 5-6 (PL, XLII, 68); (CSEL, 25, I, p. 7.8).

tinho define o sentido espiritual como profecia de Cristo e da Igreja, através do Antigo Testamento, quer pelas palavras quer pelos factos da história do Povo Hebreu.

III. A fórmula assumida, na teoria noemática

O nosso exegeta não fez uma longa exposição sobre os sentidos escriturísticos. O que apresentou não passa dum conciso apontamento. Nem era necessário mais, pensou o nosso autor. Existiam os tratados sobre hermenêutica bíblica da antiguidade e da Idade Média. O próprio séc. xvi tinha já produzido um conjunto de obras notáveis que tinham feito avançar consideravelmente o estudo dos problemas de hermenêutica:

Sanctes Pagnino († 1541)¹¹⁴, Sixto de Siena († 1569)¹¹⁵, Martin Martinez Cantalapiedra († 1579)¹¹⁶, Francisco Ruiz¹¹⁷, Pedro António Beuter¹¹⁸, A. Salmerón († 1585)¹¹⁹, José Acosta († 1599)¹²⁰, S. Roberto Belarmino († 1621)¹²¹, Rodrigo Dosma Delgado¹²², Frei Luis de Leão († 1527-1591)¹²³.

Com estes autores concorda no geral Sebastião Barradas. Mas tem algo de particular. Ao longo da exposição que levamos feita, já destacámos alguns pontos indicativos de uma orientação própria. A partir da análise já feita e tendo presentes outros dados fornecidos pela sua obra, vamos traçar a fórmula de sentidos que está subjacente ao seu apontamento sobre os sentidos e à sua exegese.

¹¹⁴ *Isagoges seu introductionis ad sacras litteras liber unus*, Lião, 1528; *Isagoges ad mysticos sacrae scripturae sensus libri XVIII*, Lião, 1536.

¹¹⁵ *Bibliotheca Sancta*, Veneza, 1566.

¹¹⁶ *Libri decem hypotyposeon theologiarum sive regularum Scripturas divinas*, Salamanca, 1565. Esta edição foi colocada no Index. Cf. L. JUAN GARCIA, *Los estudios bíblicos en el siglo de oro de la universidad Salamantina*, Salamanca, 1921; M. DE LA PINTA LLORENTE, *Proceso criminal contra el hebraísta Salmantino M. M. de Cantalapiedra*, Madrid-Barcelona, 1946.

¹¹⁷ *Regulas 333 intelligendi Sacras Scripturas ex Patribus collectas et brevibus explanationibus illustratas*, Lião, 1546.

¹¹⁸ *Annotationes ad S. Scripturam*, Valência, 1547.

¹¹⁹ *Prolegomena biblica*, Madrid, 1598.

¹²⁰ *De Christo revelato*, lib. III: *De vera Scripturae interpretandi ratione*, Roma, 1590.

¹²¹ *Disputationes de Controversiis christianae fidei*, vol. I: *De verbo Dei scripto et non scripto*, Roma, 1581.

¹²² *De autoritate Sacrae Scripturae*, Pinciae, 1594.

¹²³ *Tractatus de Sensibus Sacrae Scripturae*, 1581 (ms. f. 10r-46v. Biblioteca dos Pp. Agostinhos de El Escorial). Cf. O. GARCIA DE LA FUENTE, *Un tratado inédito*, in CD, 170(1957), p. 297-334.

Passamos a focar duas atitudes. Na primeira, apresentamos o autor a assumir como própria a fórmula binária dos sentidos bíblicos. Na segunda, constatamos a sua simpatia pela fórmula antropológica de três sentidos que é traduzida nas aplicações morais.

1. *Regresso à fórmula binária*

Sebastião Barradas é um homem da tradição. Por fidelidade à tradição, referiu a doutrina dos quatro e três sentidos. Mas por fidelidade rigorosa, desce à fonte donde dimanam os sentidos no seu núcleo fundamental. A fonte é a Igreja Apostólica e os autores dos princípios da Idade Patrística. Aí os sentidos são dois: literal e espiritual.

Sebastião Barradas não cita S. Tomás de Aquino, neste contexto. E é verdade que S. Tomás faz uma mudança grande na concepção dos sentidos, segundo a Idade Média. Separou os sentidos em dois níveis diferentes: o sentido literal contém tudo o que Deus revelou; o sentido espiritual contém a revelação, mas em dependência do sentido literal que o assume e prolonga. S. Tomás valorizou o sentido literal e relativizou o espiritual.

Sebastião Barradas não considera S. Tomás como grande inovador. Quanto à valorização do sentido literal, apesar da generalização da alegoria, há raízes antigas que o defendem, sobretudo na linha da Escola de Antioquia.

Regressando às fontes, encontra-se a fórmula binária e é essa que o nosso autor privilegia e assume.

2. *Confronto com a fórmula antropológica*

Sebastião Barradas opta pela fórmula original dos sentidos. O sentido literal é o meio fundamental pelo qual Cristo foi transmitido no Novo Testamento. Tem uma importância secundária no Antigo Testamento. Também o sentido literal tem referência directa a Cristo, no Antigo Testamento, nos textos proféticos. Mas a referência a Cristo no Antigo Testamento está dominantemente oculta no interior da letra, nas coisas que a letra descreve, e só foi descoberta pelo próprio Cristo, quando Este tirou o véu pela luz da Sua Revelação.

Este sentido oculto nas coisas do Antigo Testamento é o sentido espiritual, que mais propriamente se pode chamar sentido típico.

Mas, como vimos atrás, Sebastião Barradas mostrou simpatia pela fórmula dos três sentidos, a fórmula antropológica. Verificamos que a fórmula remonta a Orígenes. Teve influência em S.^{to} Ambrósio e S. Jerónimo e foi adoptado pela exegese monástica e pelos pregadores. A fórmula de índole tropológica era um instrumento apto para a reforma dos costumes, quer no caminho da ascese, quer na moralização da vida cristã, através da pregação.

Muito naturalmente, a fórmula atrai Sebastião Barradas, homem espiritual, de ascese aturada e com acentuada propensão para a pregação. Nos seus *Commentaria* tem em mente os pregadores:

«Quod Hieronimus fecit, id faciam, in diversa legi, et singulorum interpretationes et sententias, verba etiam ponam. Nam plus habebunt auctoritatis ipsa Auctorum verba, quam aliis verbis a me comprehensa sententia. Iuvat patres et Doctores suis verbis fideliter loquentes addere, iuvat illorum verba ad manu habere, ut concionibus usui esse possint»¹²⁴.

Para os pregadores, muito particularmente, Sebastião Barradas junta à investigação do sentido literal, a recolha das aplicações morais, na linha do sentido tropológico da fórmula ternária antropológica.

Mas o nosso autor não deixa a fórmula do duplo sentido, para se dedicar às aplicações morais. Considera que não se trata de sentido, mas de uma finalidade geral de toda a Escritura Sagrada. Toda a Revelação divina transmitida pela Escritura, através do sentido literal e do sentido típico, tem uma finalidade definida: — a transformação do homem pelas virtudes cristãs.

A intenção de Sebastião Barradas é manifestada desde o início dos «*Commentaria*»:

«Ad mores componendos moralia addam. Nam morum compositio ut maxime est necessaria, ita ex Scripturae divinae lectione maxime depromenda. Speculum est Scriptura, in quo faciem suam animus, et intueatur et ornet. Illam qui interpretatur et legit, non in theoria solum versetur, sed ad praxim quoque tendat, iuxta illud Augustini Sermoni 12 de tempore: Non sit mora in faciendo, quod intus sapiatis intelligendo. Et illud: Ille beatissimus est qui Divinas Scripturas vertit in opera.

¹²⁴ *Commentaria*, t. 1, p. V.

Ad hunc scopum moralia nostra tendunt, hoc contendunt, ut divina verba in divina convertamus facta. Quemadmodum enim cibus carnis in membra carnis convertitur, sic cibus mentis, hoc est Scriptura Sancta, in virtutes Sanctosque mentis mores convertendus est.

...Moralia deinde occurent ad mores efformandos apposita, tam lectoribus quam concionatoribus qui candido ea legerint animo, non nihil emolumenti allatura»¹²⁵.

Sebastião Barradas, com os seus «Moralia», tem em mente adaptar-se à própria finalidade da Escritura. Esta é um espelho no qual vemos Deus e nos vemos a nós mesmos. Da comparação resulta a necessidade de limpar e embelezar o rosto. Deste modo, passamos da teoria à prática. Os «Moralia» ajudarão a tornar a Escritura, de «cibus mentis» em «virtutes sanctosque mentis mores». Para realizar esta operação, é necessário procurar, antes de tudo, o sentido literal:

«Sed nos, dum in morali versamur, ad litteralem sensum reversi sumus, neque inmerito, oportet enim sensum prius litterae perscrutari, ad spiritum deinde et mores transire»¹²⁶.

Do sentido literal, convenientemente encontrado, deve-se passar ao sentido espiritual ou típico e à aplicação moral.

Sebastião Barradas, para explicar a Escritura, no seu conteúdo e na sua finalidade, recorre a três comparações. A Escritura é como um rio que corre para o mar e rega os campos e as hortas, por derivação da água, a partir do caudal central; é como uma refeição, em que há alimento e bebida; é como um colar de grãos de ouro e prata que adorna o peito da Igreja.

A direcção recta do rio para o mar é o sentido literal. A derivação da água é a aplicação moral. O alimento é o sentido literal, a bebida é a aplicação moral. As contas de ouro do colar são o sentido literal. As contas intermédias de prata são a aplicação moral:

«In sensu litterali enucleando hactenus desudavimus; ad latiores moralis sapientiae campos, hortosque amoenissimos, relaxandi exornandique animi causa, libet divertere.

Nam, ut ait Magnus Gregorius in Epistola ad Leandrum, qui de Deo loquitur, curet necesse est, ut quidquid audientium mores instruit, rimetur, et hunc rectum loquendi ordinem deputet, si, cum opportunitas aedificationis exigit, ab eo se, quod loqui caeperat, utiliter detinet.

¹²⁵ *Ibid.*, p. V-VI.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 441.

Quod de loquente dixit Summus Pontifex, idem de scribenti dicendum est. Sacri enim tratator eloqui, addit idem Pater Sanctissimus, morem fluminis debet imitari. Rectum cursum tenet flumen, quousque in finem, hoc est, mare perveniat; veruntamen a recto cursu, illius aqua ad irrigandos agros, hortosque saepe derivatur.

Eundem in modum, rectum explanationis litteralis cursum teneat necesse est Sacrarum interpretes Litterarum; et vero ad irrigandos morali doctrina hominum animos, orationis flumen saepe deflectet, ut quemadmodum intellectus laetissimos agros litteralis irrigat explanatio, ita voluntatis amoenissimos hortos, moralis irriget tractatio. Quid convivium exhibet, non cibum solum mensae, infert, sed potum etiam minis trat: imperfectum enim erit vel sine cibo vel sine potu, convivium, sic qui Scripturarum interpretationem veluti convivium apparat, non litteralem solum sensum praebet, sed moralem quoque tractationem adhibet; cibo enim similis est litteralis sensus, durior ac difficilior potui, facilis de moribus digressio, instar aquae vel vini, liquida ac profuens.

Ad Ecclesiae ornamentum monillia promittuntur aurea, argenti punctis, sive vermiculis distincta: «Murenulas aureas faciemus tibi, vermiculatas argento» *Cant. 9,90*. Quis vero neget aureas Scripturarum interpretationes, aurea esse monillia, quibus Ecclesiae collum, ex quo divinae conciones et disputationes effunduntur, maxime exornatur? Non igitur satis est monillia ex caeteris sensibus aurea fabricari, nisi argento etiam, hoc est, morali sensu, vermiculata, sive, ut est in hebraeo, argenti punctis distincta sint.

Puncta autem quae in concionibus vulgo vocentur, nemo est qui ignoret¹²⁷.

Nesta longa citação a finalidade moral da Escritura é chamada com vários nomes: «*Sapientia moralis*», «*instructio morum*», «*aedificatio*», «*irrigatio*», «*doctrina moralis*», «*tractatio moralis*», «*digressio de moribus*», e também «*moralis sensus*».

A denominação «*moralis sensus*», é usada somente uma vez na citação que acaba de ser feita. As outras expressões, que fogem à classificação de sentido, são em maior número. Ao longo da obra, Sebastião Barradas usa uma vez «*moralis sensus*»¹²⁸, no contexto da aplicação moral, e duas vezes, no contexto dos quatro ou três sentidos, onde é normal o uso da palavra sentido, uma vez que expõe a doutrina dos vários sentidos¹²⁹.

Esta aplicação moral é a resposta à finalidade prática da Escritura, em relação com a existência humana. Pode haver um sentido

¹²⁷ *Ibid.*, p. 150.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 515.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 13.

literal ou típico que tem como objecto a moral. Interessa conhecer esse conteúdo moral. Mas não é dele que se trata. Por aplicação moral entende-se toda a percepção e uso da capacidade transformativa da Escritura. Para isso, recorre-se a toda a semelhança que existe ou pode existir entre as palavras, factos ou coisas da Escritura e a vida dos cristãos. Procede-se por acomodação ou dedução, para além do verdadeiro sentido literal ou típico.

No campo da doutrina, o recurso à acomodação ou dedução é abusivo e sem valor. É no sentido literal que deve ser encontrada a doutrina da fé.

Para a moral, toda a Escritura, em todos os seus aspectos pode e deve ser assumida, mesmo por adaptação do sentido literal. Este pode ser desviado (*divertere*), afastado (*derivare*), retido (*detinere*), encurvado (*deflectere*), para permitir que a aplicação moral (*de moribus digressio*) fortifique a vontade:

«Quemadmodum intellectus laetissimos agros, litteralis irrigat explanatio, ita voluntatis amoenissimos hortos, moralis irriget tractatio»¹³⁰.

Em resumo, a fórmula de Sebastião Barradas é a fórmula do duplo sentido, com finalidade moral.

Sentido literal: em acepção valorizada e ampla;

Sentido espiritual-típico: espiritual, enquanto alargado à pluri-dimensão do pensamento bíblico; típico, enquanto restringido e reduzido *proprie et stricte* às «coisas» cuja semelhança é manifestada por Deus;

Deduções e aplicações morais: dilatadas a toda a dimensão do sentido espiritual (sentido espiritual *improprie et late*) que estabelece semelhanças, quer a partir das palavras quer das coisas, sem que seja manifestada a semelhança por Deus.

Restringindo-se a esta acepção, podemos também dizer sentido moral, dando à palavra sentido a significação de direcção e não o seu valor específico. Feita esta observação, poderemos falar de sentido moral, mantendo sempre a afirmação de princípio de que Sebastião Barradas procura somente dois sentidos: o literal e o espiritual-típico.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 150. Ao mesmo lugar se referem os verbos anteriores: *divertere*, *deputare*, *detinere*, *deflectere*.

Conclusão

Na obra exegética de Sebastião Barradas estão dispersos os nomes dos sentidos bíblicos usados pela tradição judaico-cristã. Uma vez que este autor pretendeu fazer uma exegese assente nos Santos Padres e Doutores Eclesiásticos dos primórdios, é natural que a nomenclatura antiga transvase no seu comentário, com a oscilação e imprecisão que a caracterizam.

É testemunhado, porém, também o esforço por dar precisão e propriedade aos nomes bíblicos. Sebastião Barradas tem o mérito de ter captado bem e ter comunicado a existência de duas formas de sistematização dos sentidos: uma pelo número, outra pela posição. Pela posição, as fórmulas são: uma teológica, outra antropológica. Ambas são respeitadas como tradicionais. A fórmula teológica exprime mais adequadamente o conteúdo cristão da Bíblia e traduz melhor o mistério cristão. Porém, o autor manifesta simpatia pela fórmula antropológica, catequética, pedagógica, mística, pneumática.

A melhor utilização dos nomes bíblicos é, porém, reduzi-los à fórmula binária: sentido literal e sentido espiritual. É o que faz o nosso autor, considerando a fórmula binária como mais antiga e mais fundamental.

Perante as posições tomadas face aos nomes e fórmulas dos sentidos bíblicos, depreende-se qual a fórmula noemática que Sebastião Barradas adopta dentro da sua teoria hermenêutica e na prática da sua exegese. Opta pela fórmula binária, em que dá a primazia ao sentido literal e em que o sentido espiritual significa duas realidades: o nível divino do pensamento e a expressão através das coisas.

A esta fórmula binária, Sebastião Barradas dá um colorido e uma direcção antropológica traduzida pelas aplicações morais, às quais poderemos chamar também «sentido moral».

MANUEL MARQUES GONÇALVES